

## Entre o texto e o contexto: os ecos do silêncio de uma esquecida academia brasílica

Mestrando Manoel Barreto Junior<sup>1</sup> (UNEB)

### **Resumo:**

*A presente comunicação objetiva refletir sobre as composições poéticas da Academia Brasília dos Esquecidos, através de contribuições advindas do pensamento teórico-crítico contemporâneo, a partir da Historiografia Literária, da Nova História Cultural e dos chamados Estudos Culturais. As abordagens centradas em tais prismas permitem destacar ecos discretos para formação de uma suposta consciência ufanista entre os colonos letrados setecentistas, trazendo à tona alguns elementos da história cultural do Estado do Brasil do século XVIII. Assim, tessituras poético-narrativas e contexto histórico cruzam-se no estabelecimento de uma das primeiras agremiações intelectuais brasílicas, que através de contornos histórico-discursivos encenam as formas de dizer o presente, aspirando aos tempos vindouros.*

**Palavras-Chave:** *Movimento academicista, Historiografia literária, Composições poéticas, Luso-americanismo*

*A nossa portuguesa América, (e principalmente a Província da Bahia) que na produção de engenhosos filhos pode competir com Itália, e Grécia, não se achava com as academias, introduzidas em todas as repúblicas bem ordenadas, para aparentarem a idade juvenil do ócio contrário das virtudes, e origem de todos os vícios, e apurarem a sutileza dos engenhos. Não permitiu o vice-rei, que faltasse no Brasil esta pedra-de-toque ao inestimável oiro dos seus talentos, de mais quilates, que os das minas. Erigiu uma doutíssima academia, que se faz em palácio na sua presença. Deram-lhe forma as pessoas de maior graduação e entendimento que se acham na Bahia, tomando-o por seu protetor. Tem presidido nela eruditíssimos sujeitos. Houve graves e discretos assuntos, aos quais se fizeram elegantes, e agudíssimos versos; e vai continuando nos seus progressos, esperando, que em tão grande proteção se dêem ao prelo os seus escritos, em prêmio das suas fadigas. (PITA, 1976, p.302).*

A chave-mestra dessa aventura arqueológica, construída em torno de leituras das tessituras poéticas produzidas pela Academia Brasília dos Esquecidos, no cenário histórico do século XVIII, será conseguir isentar a interpretação do que beira o literário de certos vícios históricos que interferem no estabelecimento do que é visto como verdadeiro ou oficial. Trata-se de um posicionamento arbitrário, que juntamente com outras temporalidades discursivas reclamam por uma revisão mais acurada e desobrigada de determinismos anacrônicos e nocivos à memória cultural.

Na verdade, tal revisão se constitui como um propósito arriscado e custoso, na medida que ganha vulto a não-percepção de certas tendências que funcionam como campo de força a que só mesmo revisões dos discursos históricos e das narrativas literárias conseguem se contrapor. Contudo, aventurar-se é preciso, caso se pretenda ousar um novo olhar diante dessas composições poéticas luso-americanas setecentistas.

A concentração primeira deste estudo parte da revisão epistemológica da Academia Brasileira dos Esquecidos, como Instituição Oratória, legítima representante dos aspectos culturais do seu momento histórico, na compreensão de que os seus membros são sujeitos historicamente situados, como somos nós, investigadores deste século XXI, que busca relacionar o passado e o presente em um permanente diálogo entre os caminhos das nossas verdades, sempre transformadas pela linha do tempo.

Contudo, se faz necessário alertar que não é do indivíduo acadêmico, da academia *bahiense*, que nos ocuparemos neste instante, embora possamos nos reportar a alguns deles, quando necessário, já que os mesmos configuram histórias à parte. Para isso, tentaremos estudar a especificidade das práticas culturais simbólicas desses homens do XVIII, que pela sua práxis erudito-coletivo evidencia uma certa aversão à ociosidade intelectual na América portuguesa, que por meio do seu modelo, já pressupõe rarefeitos traços identitários e culturais brasílicos; traços estes, presentes desde a Carta de Caminha e que nos serve como essência que vai se encarnar na história da nação brasileira a evidenciar a construção de mitos seculares de fundação

Sendo assim, os princípios desse percurso são simples, à medida que o episódio estratégico se constitui como uma reflexão sobre as produções da Academia Brasileira dos Esquecidos. A análise destas produções abraça o intuito de reconstituição das reminiscências histórico-literárias, que envolvem substancialmente um manancial cultural estampado no imaginário memorialista, vivenciado por uma elite formada por colonos letrados do Estado do Brasil, que por meio das *belles lettres*, em especial através do paradigma retórico conceptista, faz vazar suas necessidades intelectuais. Deste modo, por intermédio do engenho erudito simbólico e do envolvimento da urdidura da palavra escrita, desenvolve-se uma retórica do silêncio, que ecoou pelo Atlântico rumo ao Velho Continente. O discurso tecido e oculto nas narrativas poéticas – apropriação de contornos discursivos discretos, conforme a observação de João Adolfo Hansen (1991) – funciona como uma adequação a circunstâncias político-social reinantes. De maneira, que as propostas discursivas contrárias tendem para a construção de representações vulgares, inadequadas e não pertinentes ao contexto histórico vivido.

Sob estes aspectos, procuramos entender estes contornos históricos discursivos, como projeto historiográfico, que evidenciam uma suposta transitividade de identidades pelos acadêmicos diante da veneração à pátria mãe – Portugal – e o sentimento de afeição perante o novo Estado que se consolida cultural e economicamente como provedor abreviado das riquezas lusitanas. Um momento histórico que se nutre no arcabouço investigativo das possíveis interferências culturais, da formação identitária dos membros desta nobre agremiação erudita. O processo de produção do discurso poético, de natureza conceptista, apresenta-se como representação do real histórico envolto em ramificações sociais, teológicas, ideológicas e as mentalidades culturais correntes na época, para as quais confluem dimensões fundamentais para a historiografia literária brasileira.

Diante desta postura, o processo de transculturação e reprodução de valores europeus pelos membros da Academia Brasileira dos Esquecidos, no século XVIII, que supostamente consciente de sua sujeição política e sócio-cultural, fazem vazar ecos dissidentes sobre a influência da cultura européia no Estado do Brasil. Este processo demandava desperdício de suas experiências sociais, e, sobretudo, no referente às práticas simbólicas intelectuais, pois aqui nascidos ou chegados estes homens rendiam-se ao modelo de racionalidade ocidental dominante, claramente propagada em seus discursos históricos e narrativas poéticas. Como podemos notar no trecho proferido pelo acadêmico José da Cunha Cardoso, durante a primeira conferência datada de 23 de abril de 1724:

[...] tomou por empresa o Sol com este lema – *Sol oriens in occidit*-. Neste felicíssimo ocidente nasceu o Sol para a Bahia: agora lhe amanheceu, porque agora se verá a Bahia convertida em Atenas: agora sairão à luz os

que o nosso descuido cobria com as sombras do esquecimento, que por isto tão entendidos, como modestos se apropriaram o título dos Esquecidos. (CASTELLO, 1967, p. 9).

No entanto, é perfeitamente explicável o posicionamento dos acadêmicos, devidamente inseridos no seu momento histórico-literário. Aliado a esta questão, impera a precariedade de fatores essenciais ao desenvolvimento da atividade intelectual, tais como a descentralização da metrópole lusitana e as dificuldades de intercomunicação entre os letrados nativos, especificamente, no século XVII até meados do século XVIII. Tudo isto propicia uma produção literária com caráter acentuadamente mimético, a fim de celebrar a formação identitária lusitana, a diferenciar-se dos nativos outros, em grande maioria, e vistos como selvagens e incultos.

Afinal, o Quinto Império, das profecias do Padre Vieira, desejava vê-se refletido na América e, assim, o fez. Durante a primeira metade do século XVIII, os acadêmicos brasílicos tinham como função primeira compor a monumental história lusitana, com que se cumpria fielmente a ordem régia, o que não aconteceu, em função da produção de um discurso às avessas, através de manifestações científicas e literárias, que narram as próprias condições coloniais, como salientam os estudos sociológicos de Boaventura Santos (2004), ao sinalizar uma dada racionalidade cosmopolita, que faz expandir o tempo presente identificado com a dimensão sócio-cultural, uma vez que era clara a ausência de investimentos em práticas culturais, o que contraria perspectivas de futuro. Desta maneira, verificamos que a emergência social de práticas culturais provocou estratégias nestes homens de letras, a partir do trabalho com a palavra escrita, através de contornos histórico-literários discursivos, que encenam as formas de dizer o presente e os modos de vislumbrar o futuro idealizado pelas influências Iluministas, que já despontavam na, então, Nova Lusitânia.

Ao julgo desta sentença, os intelectuais brasílicos, embora no primeiro momento aliado à cultura superior e erudita, aos poucos acabam por questionar sua condição colonial, de inteira subordinação e sujeição. Neste sentido, desenvolvem mecanismos próprios para equilibrar tal desvantagem, como evidenciar a Cidade do Salvador, maior cidade lusitana, depois de Lisboa, no século XVIII, como *Cabeça da América Portuguesa*, ou seja, como parte integrante do Ocidente. Assim, o Estado-Colônia refuta a alcunha da América como Novo Mundo, corrente entre as nações milenares da Europa, o que sugeria abandono erudito e evidencia sua nomeação como a Nova Lusitânia, reclamando espaço no mundo civilizado, negando sua posição deslocada e indefinida que ilustra demasiada miséria intelectual.

Dentro dos deslocamentos possíveis para tratar a questão, é necessário, ainda, esclarecer que, para preencher as lacunas temporais, tomamos o entendimento da literatura como uma expressão artística comunicadora, sempre em busca de um interlocutor. E, desta mesma maneira, influenciada e influenciadora da história, através de um processo auto-regulador, no qual o texto literário funciona como uma representação histórica do real, a demonstrar que a narrativa literária sofre interferência do contexto histórico, desde o momento de produção até a recepção. Notabilizando que ali se encarnam relações sociais que servem de matéria elementar, pois ler a história como sendo literatura, ou ver na literatura a história se escrevendo, será sempre possível através do entrecruzamento de olhares, conforme elucida Simões (1998), quando especula sobre as razões do imaginário.

Neste sentido, migraremos para os caminhos instáveis do imaginário do produtor textual, que em suas formas narrativas apontam situações de comunicação literária e não-literárias, a que em tempos diversos e grupos sociais diferentes são atribuídas situações completamente distintas. Isto estreita nossas proposições diante da escrita dos acadêmicos Esquecidos, que à vista de suas composições poéticas, supostamente, teriam aplicado essa

lógica, através de seus contornos discursivos entre o dizer e o silenciar, sugerindo uma dada transitividade de identidades luso-americanas.

O momento recente aspira pela reconstrução da memória cultural, no qual acontecimentos históricos agregam inestimável valor para nossa completude identitária, a fortalecer as interpretações de um passado aparentemente longínquo, que traz como objetivo as experiências estabelecidas pelos leitores contemporâneos. Assim, as decifrações das tessituras poéticas se estabelecem como base dessa investigação, assumida como tarefa fundamental da história cultural, com o propósito de uma reflexão representativa acerca das composições poéticas dos Esquecidos e suas relações de produção diante do contexto histórico-social deste período colonial.

A este propósito reflexivo, buscamos justamente analisar não apenas a redescoberta de elementos simbólicos da história cultural brasileira, mas também perceber as tessituras poéticas como linguagens artísticas, que representam a sociedade colonial do século XVIII, como um painel meta-historiográfico que enlaça experiências humanas traduzidas em versos e métricas. Em constante integração com as manifestações literárias do movimento academicista dos setecentos, que pela amplitude simbólica promove nos leitores contemporâneos a análise retrospectiva na linha do tempo, que avança rumo a uma relação dialética mediada com outras áreas do conhecimento, o que consolida traços identitários da cultura brasileira, que agonizam no limbo do esquecimento. Deste modo, pleiteamos um entrecruzamento de olhares, que alocado entre o sujeito historicamente situado e o objeto investigado, pelo comprometimento do período e o seu local de enunciação, provoca indagações histórico-culturais, ante uma das primeiras agremiações intelectuais erguidas na América de fala portuguesa.

Nestes caminhos, cambiamos nossa abordagem teórica a partir dos Estudos Culturais, ponderando sobre a falta de “flexibilidade dos estudos literários”, como nos provoca Hollanda (2004 p. 34), que vislumbrava um traço diferencial dos Estudos Culturais que não encontrando equivalentes com outra formação disciplinar, tem sua natureza vinculada a contextos históricos e geopolíticos, ou seja, uma espécie de retorno ao passado como uma condição de construir o futuro, uma observação que pensamos, perfeitamente, aplicável a esta investigação.

Será perseguindo a idéia de deslocamento na perspectiva do olhar que avançamos nas possíveis convergências aos chamados Estudos Culturais e Pós-Coloniais que aliados às novas perspectivas da historiografia literária, reivindicam, de seus críticos, dentre outros direitos, o de uma política identitária relacionada à posição do sujeito em presença de seu objeto. Como bem acontece com a literatura, que pródiga na arte das subjetividades, neste instante, é convocada a servir de instrumento analítico do discurso histórico, alargando as fronteiras da crítica literária e fazendo confluir a questão do “mútuo impacto” entre estas áreas do conhecimento. Postura que vem sendo desenvolvida a partir dos Estudos Culturais, como, ainda, afiança Heloísa Buarque de Hollanda (2004), para quem tais estudos se firmam como a primeira área do conhecimento “visceralmente contextualizada”, pensada a partir do contexto histórico, social e institucional, a favorecer o exercício frenético da construção do saber que a depender da conjuntura em que se encerre migra de uma disciplina para outra, alterando prioridades, desestabilizando discursos e práticas diversificadas, a partir das necessidades de sua locação especulativa.

Diante desta demanda, Michel Foucault surge como um crítico severo das interpretações teleológicas da história, em termos de progressão e evolução do homem social em uma constante linearidade. Ele nos chama a atenção para as descontinuidades culturais e rupturas do pensamento social, como ocorreu entre as palavras e as coisas em meados do século XVII. Sob o pensamento foucaultiano, atento para o descentramento do sujeito histórico

pós-moderno, ou seja, um descentramento não pensado como uma desagregação, mas com base epistemológica que terá configurações de cunho temporal, (HALL, 2006 p.34). Afinal, os escritos da Academia Brasílica dos Esquecidos pertencem, naturalmente ao século XVIII e não ao século XXI. De tal maneira, um dos modos como estas composições poéticas, dissertações e documentos foram revisitados, por críticos literários, desde as primeiras décadas do século XX, apontam que o atual interesse historiográfico sobre estas narrativas poéticas é, em parte, centrado sobre o que elas contam de si mesmas.

A partir desta linha intersubjetiva, serão apresentadas pistas valorativas de autenticidade, que de maneira representativa, se constituem como um registro documental; assim, a abordagem de representação do contexto histórico abarca a observação de comportamentos regidos por mentalidades hegemonicamente aparelhadas, traduzidas em estratégias discursivas, nas composições poéticas, e deste modo, reveladoras do imaginário regulado, porém refratário do homem letrado brasílico do século XVIII.

Deste modo, os procedimentos de análise das composições poéticas formam a estrutura do estudo, ao possibilitar a releitura destas tessituras buscando identificar a sua gradual evolução na perspectiva de instrumentalizar a memória cultural da civilização brasileira que descansa ao limbo de uma aguda amnésia temporal. Sob este ponto, o olhar crítico desenvolvido pela nova historiografia literária, busca reconstituir aspectos das manifestações artísticas e culturais do período colonial, que funcionam como orientadores da interpretação, sinalizando nas narrativas poéticas, lacunas simbólicas historicamente renegadas ou simplesmente não consideradas pelo pensamento anacrônico e positivista de alguns pesquisadores. Hoje, revisto, funcionam como possíveis constituidores de sentidos.

Procedente de uma atitude crítica, a retórica nesta abordagem será considerada, ainda, como uma estatura discursiva, que vem entrever na interpretação do leitor historicamente situado, quer no século XVIII, ou no século XXI, a partir de procedimentos comunicativos. Afinal, se os Esquecidos tiveram seu discurso encoberto ao longo dos tempos, hoje reclama por um olhar mais acurado, situados no paradigma comunicacional com leituras prováveis; nem verdadeiras, nem corretas, mas possíveis, dentro da alocação do texto e do contexto histórico numa demonstração de estar a literatura se libertando das amarras que a confinaria para sempre no âmbito sacrossanto das belas letras.

A estas tensões, nos adverte Pesavento e Leenhard (1998), que apesar da Nova História ter abdicado o seu poder de designação de verdade, ocorre o processo pela busca da autenticidade das fontes, norteadas pelos critérios de cientificidade. Por conseguinte, a história não se mede pela veracidade, e sim pela verossimilhança e credibilidade, que torna o verossímil não o ponto determinado entre o verdadeiro e o falso, mas uma modalidade imaginária do fato, uma temporalidade, um possível passado sempre inteligível aos olhares mais argutos.

Conscientes de que a história da literatura engajada com os propósitos dos Estudos Culturais não visa tudo aquilo que se acumula, mas a reescritura constante de textos anteriores com o olhar no presente. Como adverte Coutinho (2003 p. 16), os acontecimentos são relatados pelo historiador do passado, mas seu relator é um indivíduo historicamente situado, que constrói interpretações à luz do seu tempo e local de enunciação, firmando uma teia de interferências e influências históricas que serão constantemente revisadas, a fim de incluir subjacentes discursos históricos e narrativos rarefeitos pelas cinzas do esquecimento.

Por último, tal distinção elucida que as tessituras poéticas produzidas pela Academia Brasílica dos Esquecidos, nesta investigação, representam textos documentais, que pelas experiências do presente, fazem minar um incômodo diagnosticado por historiadores culturais, quando se referem aos historiadores empiristas ou positivistas por se caracterizarem

por “levar tudo ao pé da letra” (BURKE, 2005), esquecendo das simbologias temporais, de modo a tratar os documentos históricos como transparentes e imunes a outras perspectivas do olhar. Trata-se de um propósito vislumbrado neste estudo, que faz expandir as relações de convergência dialógica entre os saberes. Afinal, se os homens fazem a história, mas apenas sob as condições que lhe são dadas. Com efeito, os membros da Academia Brasileira dos Esquecidos, devidamente alocados em seu momento histórico-literário, são enigmáticos no trato com a palavra escrita, a reforçar sua novíssima identidade americana, cada vez mais evidente e distante da Lusa-mater.

### **Referências Bibliográficas**

- [1] PITA, Sebastião da Rocha. 1660-1738 *História da América Portuguesa*, Belo Horizonte, Ed Itatiaia: São Paulo, 1976. p. 289.
- [2] HANSEN, João Adolfo. *Discreto e vulgar: modelos culturais nas práticas da representação barroca*. Est. Port. Afric. Campinas (17):29-57. jan./jun. 1991.
- [3] CASTELLO, J. Aderaldo. *O movimento academicista no Brasil*. Volume I - Tomo I. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1967.
- [4] SANTOS. Boaventura Souza. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In. SANTOS. Boaventura Souza. (org.) In. *Conhecimento prudente para uma vida decente*. São Paulo: Cortez, 2004.
- [5] SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. *As razões do Imaginário*. Salvador: FCJA; UESC, 1998.
- [6] HOLLANDA. Heloísa Buarque de . *A questão do mútuo impacto entre historiografia literária e os estudos culturais*. Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS. História da Literatura em Questão, Porto Alegre, n. 1 v. 10, p. 69-73, set. 2004.
- [7] HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Organização: Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende... [et al]. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- [8] LEENCHARD, Jaques; PESAVENTO, Sandra Jatahy. (orgs.) *Discurso histórico e narrativa literária*. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 1998.
- [9] COUTINHO, Eduardo. Comparativismo e historiografia. In MOREIRA, Maria Eunice (Org). *Teoria da Literatura: Teorias, temas e autores*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003.
- [10] BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Trad. Sérgio Góes de Paula. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

---

<sup>1</sup> **Manoel BARRETO JÚNIOR, Mestrando**  
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)  
manebarreto@terra.com.br